

CAPÍTULO LXIII¹

Fugamos!

Ai! nem sempre dormir. Três semanas depois, indo à casa de Virgília, – eram quatro horas da tarde, – achei-a triste e abatida. Não me quis dizer o que era; mas, como eu instasse muito:

– Creio que o Damião desconfia alguma cousa. Noto agora umas esquisitices nele... Não sei... Trata-me bem, não há dúvida; mas o olhar parece que não é o mesmo. Durmo mal; ainda esta noite acordei, aterrada; estava sonhando que ele me ia matar. Talvez seja ilusão, mas eu penso que ele desconfia...

Tranquilei-a como pude; disse que podiam ser cuidados políticos. Virgília concordou que seriam, mas ficou ainda muito excitada e nervosa. Estávamos na sala de visitas, que dava justamente para a chácara, onde trocáramos o beijo inicial. Uma janela aberta deixava entrar o vento, que sacudia frouxamente as cortinas,² e eu fiquei a olhar para as cortinas, sem as ver. Empunhara o binóculo da imaginação; lobbriava, ao longe, uma casa nossa, uma vida nossa, um mundo nosso, em que não havia Lobo Neves, nem casamento, nem moral, nem nenhum outro liame, que nos tolhesse a expansão da vontade. Esta ideia embriagou-me; eliminados assim o mundo, a moral e o marido, bastava penetrar³ naquela habitação dos anjos.

– Virgília, disse, eu⁴ proponho-te uma cousa.

– Que é?

– Amas-me?

– Oh! suspirou ela, cingindo-me os braços ao pescoço.

Virgília amava-me com fúria; aquela resposta era a verdade patente. Com os braços ao meu pescoço, calada, respirando muito, deixou-se ficar a olhar para mim, com os seus grandes e belos olhos, que davam uma sensação singular de luz úmida; eu deixei-me⁵ estar a vê-los, a namorar-lhe a boca, fresca como a madrugada, e insaciável como a morte. A beleza de Virgília tinha agora um tom grandioso, que não possuía antes de casar. Era dessas figuras talhadas em pentélico, de um lavor nobre, rasgado e puro, tranquilamente bela, como as estátuas, mas não apática nem fria. Ao contrário, tinha o aspecto das naturezas cálidas, e podia-se dizer⁶ que, na realidade, resumia todo o

¹ CAPÍTULO LXIII] CAPÍTULO LXIV – em MPBC1-1880.

² cortinas,] cortinas; – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

³ bastava penetrar] não haveria mais do que penetrar – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

⁴ disse, eu] disse eu, – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

⁵ eu deixei-me] e eu deixei-me – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

⁶ dizer] dizer, – em MPBC3-1896, em MPBC4-1899 e em MPBCEC-1960. A vírgula parece-nos despropositada; seguimos as duas primeiras edições (MPBC1-1880 e MPBC2-1881).

amor. Resumia-o sobretudo naquela ocasião, em que exprimia mudamente tudo quanto pode dizer a pupila humana. Mas o tempo urgia; deslacei-lhe as mãos, peguei-lhe nos pulsos, e, fito nela, perguntei-lhe se tinha coragem.

– De quê?

– De fugir. Iremos para onde nos for mais cômodo, uma casa grande ou pequena, à tua vontade, na roça ou na cidade, ou na Europa, onde te parecer, onde ninguém nos aborreça, e não haja perigos para ti, onde vivamos um para o outro... Sim? fugamos. Tarde ou cedo, ele pode descobrir alguma cousa, e estarás perdida... ouves? perdida... morta... e ele também, porque eu o matarei, juro-te.

Interrompi-me; Virgília empalidecera muito, deixou cair os braços e sentou-se no canapé. Esteve assim alguns instantes, sem me dizer palavra, não sei se vacilante na escolha, se aterrada com a ideia da descoberta e da morte. Fui-me a ela, insisti na proposta, disse-lhe todas as vantagens de uma vida a⁷ sós, sem zelos, nem terrores, nem aflições. Virgília ouvia-me calada; depois disse:

– Não escaparíamos talvez; ele iria ter comigo e matava-me do mesmo modo.

Mostrei-lhe que não. O mundo era assaz vasto, e eu tinha os meios de viver onde quer que houvesse ar puro e muito sol; ele não chegaria até lá; só as grandes paixões são capazes de grandes ações, e ele não a amava tanto que pudesse ir buscá-la, se ela estivesse longe. Virgília fez um gesto de espanto e quase indignação; murmurou que o marido gostava muito dela.

– Pode ser, respondi eu; pode ser que sim...

Fui até a janela, e comecei a rufar⁸ com os dedos no peitoril. Virgília chamou-me; deixei-me⁹ estar, a remoer os meus zelos, a desejar estrangular o marido, se o tivesse ali à mão... Justamente, nesse instante, apareceu¹⁰ na chácara o Lobo Neves. Não tremas assim, leitora pálida; descansa, que não hei de rubricar esta lauda com um pingo de sangue. Logo que apareceu na chácara,¹¹ fiz-lhe um gesto amigo, acompanhado de uma palavra graciosa; Virgília retirou-se apressadamente da sala, onde ele entrou¹² daí a três minutos.

– Está cá há muito tempo? disse-me ele.

– Não.

Entrara sério, pesado, derramando os olhos de um modo distraído, costume seu, que trocou logo por uma verdadeira expansão de jovialidade, quando viu chegar o filho,

⁷ a] à – em MPBC3-1896 e em MPBC4-1899.

⁸ Fui até a janela, e comecei a rufar] E fui até a janela, e comecei a assobiar e a rufar – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

⁹ deixei-me] eu deixei-me – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

¹⁰ apareceu] entrou – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

¹¹ Logo que apareceu na chácara,] Logo que o Lobo Neves entrou na chácara, – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

¹² onde ele entrou] e ele entrou – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

o nhonhô, o futuro bacharel do cap. VI;¹³ tomou-o nos braços, levantou-o ao ar, beijou-o muitas vezes. Eu, que tinha ódio ao menino, afastei-me de ambos. Virgília tornou à sala.

– Ah! respirou Lobo Neves,¹⁴ sentando-se preguiçosamente no sofá.

– Cansado? perguntei eu.

– Muito; aturei duas maçadas de primeira ordem, uma na câmara e outra na rua.

E ainda temos terceira, acrescentou, olhando para a mulher.

– Que é? perguntou Virgília.

– Um... Adivinha!

Virgília sentara-se ao lado dele, pegou-lhe numa das mãos, compôs-lhe a gravata, e tornou a perguntar o que era.

– Nada menos que um camarote.

– Para a Candiani?

– Para a Candiani.

Virgília bateu palmas, levantou-se, deu um beijo no filho, com um ar de alegria pueril, que destoava muito da figura; depois perguntou se o camarote era de boca ou do centro, consultou o marido, em voz baixa, acerca da *toilette* que faria, da ópera que se cantava, e de não sei que outras cousas.

– Você janta conosco, doutor, disse-me Lobo Neves.¹⁵

– Veio para isso mesmo, confirmou a mulher; diz que você possui o melhor vinho do Rio de Janeiro.

– Nem por isso bebe muito.

Ao jantar, desmenti-o; bebi mais do que costumava; ainda assim, menos do que era preciso para perder a razão. Já estava excitado, fiquei um pouco mais. Era a primeira grande cólera que eu sentia contra Virgília. Não olhei uma só vez para ela durante o jantar; falei de política, da imprensa, do ministério, creio que falaria de teologia, se a soubesse, ou se me lembrasse. Lobo Neves¹⁶ acompanhava-me com muita placidez e dignidade, e até com certa benevolência superior; e tudo aquilo me irritava também, e me tornava mais amargo e longo o jantar. Despedi-me apenas nos levantamos da mesa.

– Até logo, não? perguntou Lobo Neves.

– Pode ser.

E saí.

¹³ cap. VI;] cap. VIII; – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

¹⁴ respirou Lobo Neves,] respirou o Lobo Neves, – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

¹⁵ disse-me Lobo Neves.] disse-me o Lobo Neves. – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.

¹⁶ Lobo Neves] O Lobo Neves – em MPBC1-1880 e em MPBC2-1881.